



DECRETO Nº 6083 DE 2 DE JULHO DE 1980.
DA DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual Nº 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que é esta a primeira vez que um Papa vem ao Brasil e pisa o solo do nosso Estado;

CONSIDERANDO que a presença do Papa João Paulo II em São Paulo constitui um fato que passará aos fastos da nossa história;

CONSIDERANDO que a Igreja Católica, Apostólica - Romana, perpétua na consciência religiosa do mundo, é imortaldade na consciência coletiva do povo campineiro;

CONSIDERANDO que a hora é sobretudo oportuna para que Campinas preste uma homenagem de respeito e de apreço à Sua Santidade o Papa João Paulo II; a Sua Eminência o Cardeal Dom Agnelo Rossi, a Sua Excelência Reverendíssima Arcebispo Metropolitano Dom Antonio Maria Alves de Siqueira; e a

Sua Excelência Reverendíssima Arcebispo Coadjutor Dom Gilberto Pereira Lopes,

DECRETA:

ARTIGO 1º - Ficam denominadas:

I - "Avenida PAPA JOÃO PAULO II", a Avenida 1 do Conjunto Habitacional Padre Anchieta, com início na divisa nordeste do loteamento e término na Rua 29 do mesmo loteamento.

II - "Avenida CARDEAL DOM AGNELO ROSSI", a Avenida 2 do Conjunto Habitacional Padre Anchieta, com início na junção das Ruas 88 e 41, e término na divisa noroeste do loteamento, com o Município de Sumaré.

III - "Rua DOM ANTONIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA", a Rua 117 do Conjunto Habitacional Padre Anchieta, com início na Rua 6 do mesmo loteamento e término na Avenida 1.

IV - "Rua DOM GILBERTO PEREIRA LOPES", a Rua 18 do Conjunto Habitacional Padre Anchieta, com início na Rua 119 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento.

ARTIGO 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 2 de julho de 1980.

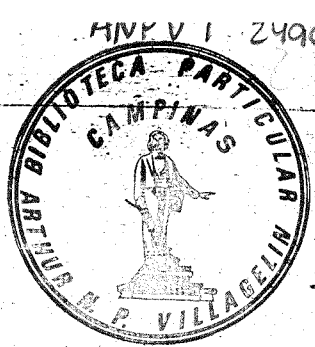
DR. FRANCISCO AMARAL
PREFEITO MUNICIPAL

DR. CARLOS SOARES JUNIOR
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

ENGO DARCY STRAGLIOTTO
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.

DR. ITAGIBA D'AVILA RIBEIRO
SECRETÁRIO-CHEFE DE GABINETE DO PREFEITO



AVENIDA PAPA JOÃO PAULO II

A 16 de outubro de 1978, saído do choque representado pela morte do Papa Paulo VI, o papa que desenvolveu e consolidou a grande guinada do Concílio Vaticano II, o mundo católico acaba de ver passar pelo trono de Pedro uma esperança metódica que só teve tempo de deixar a marca de sorriso e da simplicidade, quase que como uma imposição ao seu sucessor. Morto João Paulo I, mais de 200 mil pessoas estão reunidas na praça de São Pedro, aguardando a eleição do novo papa. De repente nesse 16 de outubro de 1978, o cardeal Felici anuncia: "Habe papa: Karol Wojtyla!" Surpresa generalizada: depois de 450 a um papa não italiano, ainda por cima oriundo do Leste europeu pouco cotado na lista dos papabili, com apenas 58 anos de idade e eleito num dos conclaves mais breves da história da Igreja.

Karol Wojtyla nasceu em 18 de maio de 1920, na pequena cidade de Wadowice, filho de uma família pobre: seu pai, que também se chamava Karol, era sub-oficial do exército; sua mãe Emilia Kaczorowska, era uma mulher simples. Bem cedo Karol perderia sua família: seu pai morreu em 1941, na II Guerra Mundial; sua mãe já morrera em 1929, quando ele tinha apenas nove anos; seu irmão mais velho Edward morreria no mesmo ano do pai; sua irmã mais nova falecera em tenra idade. E bem cedo Karol testemunharia os horrores nazistas: de seus 36 colegas de ginásio morreram nos campos de batalha e três nos campos de concentração. Essa prematura convivência com a morte, segundo amigos de infância, fez com que ele se tornasse "um homem forte, que sabe e enfrenta a solidão sem se deixar oprimir por ela".

Educado pelo pai com o auxílio do vigário local, desenvolveu o gosto pelo estudo (até pouco antes de tornar-se papa, sempre levava consigo uma lanterna, para ler à noite, principalmente quando em viagem) e o entusiasmo pelos esportes, que o levou a praticar montanhismo, natação e esqui (ainda hoje, ele tem o costume de dormir com a janela do quarto aberta, mesmo nas gélidas noites do inverno europeu). Aluno destacado, aos 19 anos cursava as faculdades de letras e filosofia.

Foi aí que a guerra o surpreendeu, mudando tudo em sua vida. Com a invasão nazista, Karol começou a enfrentar a prova da guerra: viu seu povo massacrado, faminto, humilhado, levado em magotes para as câmaras de gás. Teve de se empregar como operário numa mina e depois em uma indústria química, vivendo sem renda fixa, e muitas vezes escondido, enquanto continuava seus estudos à noite, clandestinamente. Logo uniu-se a um grupo de jovens na mesma situação, criando uma sociedade literária. I



ziam poesias de cunho patriótico e as recitavam para as famílias, visando estimular a resistência aos ocupantes. Depois, passaram à representação, surgindo uma companhia teatral clandestina, o Teatro de Rapsódia de Cracóvia, com a mesma finalidade. Passaram a colaborar com os combatentes da resistência polonesa, especialmente na área de informações.

Depois do decisivo encontro com o velho alfaiate, Karol começou a cursar o seminário clandestinamente, de onde fugiria para as montanhas após a "batida" da Gestapo. Em agosto de 1944, depois do levante de Varsóvia, os nazistas passaram a realizar represálias em todo o país. O bispo de Cracóvia mandou chamar Karol e o escondeu no porão do arcebispado, onde ele viveu cinco meses, sem ver a luz do sol. Durante esses anos tomou desenvolvimento um caráter firme e disciplinado, que marcaria sua personalidade. Após a guerra, em novembro de 1946, foi ordenado sacerdote pelo mesmo bispo Sapieha, que o enviou logo em seguida para completar seus estudos em Roma - laureou-se em filosofia e teologia pelo Pontifício Ateneu Evangélico -, pois via no jovem sacerdote uma grande potencialidade.

E não estava errado. Voltando de Roma, Wojtyla desenvolveu durante dez anos (1948-1958) uma intensa atividade pastoral e intelectual em Cracóvia. Chegava mesmo a conduzir os jovens de Cracóvia até as montanhas próximas para celebrar os ofícios religiosos, que então eram proibidos com certa frequência. Graças a essa atividade intensa, foi nomeado bispo com apenas 38 anos de idade. Como bispo de Cracóvia, renovou a liturgia dentro da tradição, outra característica de sua atuação pastoral. E começou a despontar como estrela ascendente na Igreja polonesa. Diante do primaz Wyszinsky, o "cardeal de ferro", conhecido por seu rigor e intransigência, Wojtyla era visto como mais flexível e moderado, pois enfrentava as medidas anti-religiosas do governo mas também sabia dialogar quando necessário.

De 1963 a 1967, tomou parte no Concílio Vaticano II, laborando na preparação da constituição pastoral "Gaudium et spes", enquanto se firmava na Igreja polonesa. De bispo auxiliar titular, Wojtyla chegaria rapidamente ao cardinalato, nomeado por Paulo VI aos 47 anos de idade. No que contou também com uma boa estrela, que já o salvara durante a guerra. Normalmente, acabaria como cardeal, porém muitos anos mais tarde (e assim provavelmente não chegaria a papa). No entanto, em 1967, estava



PAPA JOÃO PAULO II

Fls. 3

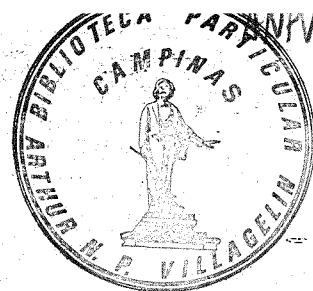
auge a Ostpolitik do Vaticano, ou seja, a procura de diálogo entre a Santa Sé e os regimes do Leste europeu. E Wyszynsk, com suas posições inflexíveis e irritantes, dificultava um pouco a abertura. Precisava-se de alguém que não estivesse tão envolvido em certos choques do passado e tivesse uma posição mais equilibrada. E quem melhor do que o então bispo de Cracóvia - segunda cidade e capital religiosa da Polônia -, um prelado tido como tradicionalista no conteúdo mas moderno na forma? E Wojtyla foi feito cardeal.

Ele publicou mais de 300 ensaios em revistas teológicas especializadas, além de diversos livros, participando também de vários congressos de filosofia. Passou a ser definido como "grande teólogo" e "apaixonado pela filosofia". Talvez por isso, mas também por tê-lo como homem de "intensa espiritualidade", Paulo VI convidou-o papa pregar os exercícios espirituais no Vaticano em março de 1976. Seu tema central foi "o encontro com Cristo hoje, um itinerário para atingir a Verdade total de Cristo, que surge no meio da história humana como sinal de contradição" (essas reflexões foram reunidas num livro publicado no Brasil: "Sinal de Contradição", Edições Paulinas). O antigo estudante e eterno estudioso estava fazendo o vestibular mais importante de sua vida independentemente até mesmo de suas intenções, as próprias circunstâncias o estavam preparando para tornar-se papa.

O que acabaria acontecendo dois anos depois, para surpresa de muitos. Mas talvez não para surpresa de Wojtyla.

(Extraído de "João Paulo II - Agora, o Brasil", artigo de autoria de Alvaro Cunha, no jornal "O Globo", do Rio, em 29-junho-1980 (domingo)).

PAPA JOÃO PAULO II



Karol Wojtyła, filho de uma família de operários, nasceu em Wadowice (perto de Cracóvia), a 18 de maio de 1920. Trabalhou em uma fábrica de produtos químicos, foi ator no Teatro Rapsódico de sua cidade e, durante a ocupação nazista, teve de seguir clandestinamente os cursos de formação para o sacerdócio. Depois de ordenado, foi para Roma, onde obteve, em 1948, o doutorado em Filosofia e Moral. Feito bispo titular de Omubi e vigário capitular de Varsóvia por Pio XII (04.07.1958), foi elevado a arcebispo dessa cidade a 13.01.1964.

(Extraído de fls. 38, do "Amanaque Abril 1979")

PAPA JOÃO PAULO II



Cracóvia, 1941 - (2ª. Guerra Mundial. Perseguição e mortes pelos nazistas na Polónia) - Nesse clima, um encontro. De um lado, um jovem de 21 anos, estudante e operário, poeta e ator, testemunha dos crimes nazistas e colaborador da resistência contra a ocupação: Karol Wojtyła. De outro lado, um velho magro, de olhos vivos e iluminados, rosto radiante, homem de profundo sentimento religioso que ajudava a todos, especialmente os pobres; o alfaiate Tjranonski. Foi esse encontro que fez desabrochar e amadurecer a vocação sacerdotal do jovem Lolek, como era chamado Wojtyła. Um ano depois ele pediria ao bispo Sapicha para entrar no seminário - que funcionava clandestinamente, à noite, proibido pelos nazistas.

(Extraído de artigo "João Paulo II - Agora, o Brasil", de autoria de Alvaro Cunha, estampado no jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, de domingo, 29-junho-1980)